

**O QUE UM MENINO DEVE SABER PARA SEU BEM.
REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIA EM MANUAL DE EDUCAÇÃO
MORAL E SEXUAL DO INÍCIO DO SÉCULO 20¹**

Maria Stephanou

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil



Resumo

O estudo examina, na perspectiva da história cultural, representações de infância, enunciados discursivo em circulação entre fins do século 19 e primeiras décadas do século 20. Toma como objeto de análise o livro intitulado *O que um menino deve saber*, de Sylvanus Stall, publicado em 1897, e que integra a coleção *Self and sex series*. O livro circulou no Brasil, em sua primeira edição, no ano de 1919. Destinava-se aos meninos, anunciava seu empenho em auxiliá-los a terem uma infância pura e santa. Através de livros oferecidos à leitura, neste período foram produzidos e circularam variados conteúdos, notadamente aqueles relativos à religião, moral, saúde, higiene, sexualidade, dentre outros. O livro constitui um manual de preparação para a vida e defesa da importância da castidade entre os meninos, um guia de bem viver. Dedicava diferentes excertos à produção de uma infância que caminha rumo a uma juventude e adultez, fortalecida por leituras decentes e piedosas, esclarecimentos médico-científicos e lições morais.

Palavras-chave: representações de infância, práticas de leitura, moral sexual, discursos médicos.

¹ Uma versão reduzida deste ensaio foi apresentada no 32º Ische, em agosto de 2010, Amsterdam, Holanda. A investigação contou com o auxílio da Propesq/Ufrgs, Pibic/CNPq e da Fapergs.

**WHAT A BOY SHOULD KNOW FOR YOUR OWN GOOD.
REPRESENTATIONS OF CHILDHOOD IN HANDBOOK OF MORAL
AND SEXUAL EDUCATION OF THE EARLY TWENTIETH CENTURY**

Abstract

The study examines the perspective of cultural history, representations of childhood, set out in discursive movement between the late nineteenth century and early decades of the twentieth century. It takes as its object of analysis the book entitled *What a boy should know*, of Sylvanus Stall, published in 1897 and part of the collection *Sex and Self Series*. The book circulated in Brazil in its first edition in 1919. Was aimed at children, announced its commitment to help them have a childhood, pure and holy. Through reading books offered in this period were produced and circulated varied contents, especially those related to religion, morals, health, hygiene, sexuality, among others. The book is a manual for life preparation and defense of the importance of chastity of boys, a guide to good living. Dedicated to the production of different extracts a child walking toward a youth and adulthood, strengthened by readings decent and pious, medical scientific explanations and moral lessons.

Key-words: representations of childhood, reading practices, sexual morality, medical discourses.

**CE QU'UN ENFANT DOIT SAVOIR POUR SON BIEN.
REPRÉSENTATIONS DE L'ENFANCE EN MANUEL DE L'ÉDUCATION
MORALE ET SEXUELLE DE DÉBUT DU 20e SIÈCLE.**

Résumé

L'étude examine, en vue de la perspective de l'histoire culturelle, des représentations de l'enfance en circulation entre la fin du 19e siècle et du commencement du 20e siècle. Il prend comme objet de l'analyse du livre intitulé *Qu'est-ce qu'un enfant doit savoir*, de Sylvanus Stall, publié en 1897, et qui fait parti de la collection *Self and the Sex Series*. Le livre a circulé au Brésil dans sa première édition en 1919. Il était destiné aux enfants et annoncé son engagement à les aider à avoir une enfance, pure et sainte. À travers des livres offerts à la lecture dans cette période a été produit et diffusé contenu varié, en particulier ceux liés à la religion, la moralité, la santé, l'hygiène, la sexualité, entre autres. Le livre est un manuel pour la préparation de la vie et de la défense de l'importance de la chasteté chez les enfant, un guide pour bien vivre. Dédiée à la production de différents extraits d'un enfant à marcher a la dirección de la jeunesse et l'âge adulte, renforcé par des lectures décentes et pieux, des explications scientifiques et médicales, des leçons de moral.

Mots-clé: représentations de l'enfance, les pratiques de lecture, la moral sexuelle, les discours de médecine.

**LO QUE UN NIÑO DEBE APRENDER A SU BIEN.
REPRESENTACIÓN DE LOS NIÑOS EN EL MANUAL DE EDUCACIÓN
MORAL Y EL INICIO DEL SIGLO 20.**

Resumen

El estudio examina la perspectiva de la historia cultural, las representaciones de la infancia, que figura en el movimiento discursivo entre finales del siglo 19 y primeras décadas del siglo 20. Se toma como objeto de análisis el libro titulado *¿Qué debe saber un niño*, de Sylvanus Stall, publicado en 1897 y parte de la

colección *Sex and self series*. El libro circuló en Brasil en su primera edición en 1919. Fue dirigida a los niños, anunció su compromiso de ayudarlos a tener una infancia, pura y santa. A través de la lectura de libros que se ofrecen en este período se produjeron y distribuir contenidos variados, especialmente los relacionados con la religión, la moral, la salud, la higiene, la sexualidad, entre otras. El libro es un manual de preparación para la vida y la defensa de la importancia de la castidad entre los niños, una guía para bien vivir. Dedicado a la producción de diferentes extractos de un niño a caminar hacia la juventud y la edad adulta, reforzada por las lecturas dignas y piedosas, explicaciones médico científicas y las lecciones morales.

Palabras-clave: representaciones de la infancia, las prácticas de lectura, la moral sexual, los discursos médicos.

Introdução

O estudo busca examinar, na perspectiva da história cultural, representações de infância, enunciados discursivo em circulação em fins do século 19 até as primeiras décadas do século 20. Toma como objeto de análise o livro intitulado *O que um menino deve saber*, de autoria de Sylvanus Stall, publicado em 1897, e que integra a coleção *Self and sex series* (pureza e verdade), juntamente a outros sete volumes. A coleção foi publicada na Filadélfia (EUA) pela *The Vir Publishing Company*, editora da Igreja Metodista, em fins do século 19. Stall foi autor ou co-autor dos demais volumes, além de seu editor e organizador. Teólogo americano, escritor, editor e pastor da Igreja Luterana, nasceu em 1847 e faleceu em 1915.

O livro foi traduzido e feito publicar no Brasil, em sua primeira edição, em 1919, pelo professor de inglês da Escola Normal do Rio de Janeiro, Rodolpho Rotschild Nogueira, que dedica a tradução, na primeira página do opúsculo, imediatamente após a capa, “a todos os meninos brasileiros e portugueses que desejarem ter uma infância pura e santa, debaixo dos mais sagrados princípios da moral”. Não há registro de editora, pois presumivelmente trata-se de uma edição de comercialização pelo tradutor.

Esta primeira edição brasileira apresenta-se como um pequeno volume, de cerca de 11,5cm por 17cm, 167 páginas, além das notas do tradutor. Não possui uma capa expressiva. Assemelha-se a pequenos

breviários religiosos, despojado e singelo. Pode ser facilmente portado consigo pelo leitor, considerando o volume diminuto e a facilidade de manuseio.

O texto de Stall, propriamente dito, não possui ilustrações, mas o tradutor acrescentou ao volume cinco imagens, dentre elas as fotografias de três intelectuais da época, a saber: um major e diretor de ginásio militar; um médico higienista e um filósofo e reformador, que também era médico. Abaixo dos títulos de cada um e de suas imagens, seguem as breves biografias correspondentes e os comentários que, como “homens eminentes”, tecem elogiando a iniciativa do tradutor e recomendando a leitura do livro. Há, aí, indicações de o livrinho já teria sido adotado no Ginásio 28 de Setembro, no Rio de Janeiro. Logo após, o tradutor acrescenta outras duas imagens, uma fotografia sua e a fotografia do busto de Sylvanus Stall, em tom solene, apresentado como doutor em Teologia e autor de outras obras para leitura das crianças e rapazes.

O que um menino deve saber está subdividido em 21 capítulos, acrescidos de prefácio e introdução, bem como do tópico intitulado “Recomendação aos pais”, todos de autoria de Stall. O tradutor acrescenta uma “apreciação do tradutor”. Tais acréscimos são substantivos no texto, pois buscam circunscrever suas intenções e os usos a que deveria ser destinada a leitura do mesmo.

O que um menino deve saber destinava-se à leitura dos meninos, mas também de seus pais e mães. Anunciava, explicitamente, seu empenho em auxiliá-los com conselhos esclarecedores e claros às indagações que surgem na fase da vida de seus filhos. Nas palavras de Stall, o livro era

dedicado aos milhares de rapazes cujas honestas perguntas sobre a origem e a existência da vida merecem uma resposta verdadeira, inteligente e satisfatória tal que os salvasse da ignorância, que os tornasse capazes de evitar os vícios e os afastasse dos pecados solitários e sociais. (Stall, 1919, p. 3)

Assim, por meio de livros como os de Stall, oferecidos à leitura dos meninos, rapazes e suas famílias, foram produzidos e circularam variados conteúdos, notadamente aqueles relativos à religião, moral, saúde, higiene e sexualidade, dentre outros. O livro examinado pode ser tomado como um manual de preparação para a vida e defesa da importância da castidade entre os meninos. Caracteriza-se como um guia de bem viver e de orientação sexual. Ao longo do texto, o autor dedica diferentes excertos à produção de uma infância que caminha rumo a uma juventude e adultez, fortalecida por leituras decentes e piedosas, fundadas em esclarecimentos médico-científicos e lições morais.

Dentre os temas abordados no pequeno manual, Stall entretetece uma discursividade moral e religiosa em que destaca o temor aos excessos de toda ordem, sem descuidar da proliferação de leituras perniciosas entre as crianças e os jovens. Orienta seus ensinamentos às crianças na forma de um conjunto de recomendações e, sobretudo, prescrições, que compõem este manual religioso de conduta da vida laica, denotando seu esforço em produzir uma determinada representação de infância. Livros como os escritos por Stall indiciam a enorme pressão reguladora dos discursos médicos e religiosos sobre os sujeitos da época, embora seja imperativo considerar que não se pode confundir os textos que prescrevem um ideal de infância com os gestos e pensamentos que ensejaram junto às crianças leitoras de seu tempo.

Para além da educação escolarizada, as práticas de leitura disseminaram-se, no caso do Brasil, desde as últimas décadas do século 19. Os livros à disposição para leitura, então, alcançaram uma escala sem precedentes na história dos impressos em circulação no país. Os textos foram importantes disseminadores de ideários e estilos de vida, prescritos ou propostos aos indivíduos, institucionalmente ou na informalidade. A leitura constituiu objeto de atenção de moralistas, educadores, religiosos, políticos, governantes, médicos, pois que, com a circulação de livros populares, de menor custo e nem sempre tutelados pelas instituições tradicionais, como Igreja e escola, houve uma certa emancipação das

práticas de leitura frente às ordens e normas que as controlavam, assim como as práticas sexuais (Chartier, 1998, p. 113).

Os perigos da ignorância, da ausência de confiança nos pais, da incitação às práticas perniciosas e dos excessos sem precedentes são apresentados em contraposição às virtudes que deveriam presidir a formação de todos e de cada um dos cidadãos. Tais perigos ocupam a produção discursiva de diferentes campos do social: das igrejas às escolas, do Estado à medicina. De interesse especial neste estudo, importa considerar o quanto as representações de infância associaram-se com enunciados mais abrangentes acerca dos excessos das energias eróticas, das más escolhas quanto às leituras, ou, ainda, a proliferação das leituras incontroladas associadas à multiplicação de leitores incontroláveis (Chartier, 1998, p. 110).

Sylvanus Stall, como autor, e sua coleção *Self and sex series*, já foram referidos em alguns estudos, especialmente sobre história da medicina, da moral sexual vitoriana, do puritanismo ou das representações médicas sobre as diferentes idades da vida, em que são enfocados, especificamente, conteúdos associados à história dos conhecimentos médicos e das representações de sexo, masturbação, matrimônio e menopausa. Quanto a esses livros, contudo, não há referências de que tenham sido examinados no que tange às representações de infância e as práticas de leitura na infância e na adolescência, foco privilegiado neste estudo.

Livro, autor, meninos leitores

O que um menino deve saber é um livro dirigido às crianças do sexo masculino, ou seja, aos meninos com idades variáveis, mas o autor prefere indicar entre 7 até em torno de 14 anos. Constitui um manual de preparação para o ingresso na vida jovem e, posteriormente, adulta. Sugere os princípios e responsabilidades desde a infância, com vistas à adultez. Constitui um guia de bem viver (Stephanou, 2000) e de orientação sexual. Esparsos ao longo do texto, o autor dedica diferentes

excertos a expressar o modo como pensa ou concebe a infância: a confiança que os filhos devem manter para com seus pais, melhores conselheiros nos assuntos relacionados à sexualidade; o reconhecimento da criança como indivíduo capaz, inteligente, que observa e raciocina, portador de desejos e anseios, altamente impressionável, mas igualmente, moldável pela instrução ou educação familiar. Sugere a escolha da companhia de adultos sadios e idôneos, de bons livros, a educação e instrução diligente dos pais e mães, a interdição às práticas perigosas e viciosas.

Como veremos adiante, *O que um menino deve saber*, em seu tempo, concorreu à definição de um processo de codificação de regras e padrões às práticas pessoais dos meninos. Informado por diferentes saberes e discursos, intentava circunscrever as derivas da intimidade e os prenúncios da curiosidade em relação ao sexo e à origem da vida. Embora eivado de prescrições e interdições, como dissemos acima, a análise não se dirige a afirmar uma suposta eficácia absoluta do texto, mas em examinar as diferentes combinações discursivas que visaram organizar as práticas autorizadas através da produção de representações sobre meninos sadios e meninos perturbados. Isto implica focar os enunciados sobre infância nas intenções do autor, muito embora o processo de significação dessas representações seja um processo complexo, que envolve mais do que os textos em si mesmos.

Stall, como autor de um discurso moral e religioso, diante das assim consideradas práticas sexuais viciosas, praticadas, segundo ele, por muitos meninos e rapazes de seu tempo, fundamenta-se em determinados saberes científicos e discursos médicos visando atribuir um sentido de legitimidade e autoridade a suas proposições.

O que um menino deve saber, em sua condição de manual religioso de conduta da vida laica, especialmente a conduta sexual, denota a necessidade de controlar os pensamentos e o corpo através de prescrições e, sobretudo, interdições. Assim, especialmente acerca da aquisição de informações pelos meninos, seja através das vivências na

rua e na escola, seja junto a seus pares ou adultos estranhos à convivência familiar, ou ainda as práticas de leitura dos meninos, Stall descreve os modos de os meninos conservarem suas vidas na pureza e fortaleza.

O autor, como referido anteriormente, teve parte de sua formação no Seminário Teológico da Pensilvânia, tendo se ordenado ministro da Igreja Luterana em 1874. Em seu tempo, foi escritor de expressão em língua inglesa, tendo escrito diversos livros. Ao estilo dos manuais, gênero popular da época, o conjunto de suas obras adota um acentuado tom prescritivo, em torno da idéia “o que se deve saber/o que se deve fazer/não fazer”. Dawson (1996) informa que o dr. Stall, através dos oito volumes da coleção, dirigiu-se a prescrever o que um indivíduo masculino ou o que um indivíduo feminino deviam saber em cada período de suas vidas: *O que um menino deve saber*, cujas indicações de primeira edição apontam o ano de 1897; *O que um rapaz deve saber* (1897); *O que um jovem esposo deve saber* (1897); *O que um homem de quarenta e cinco anos deve saber* (1901). Além disso, em co-autoria com Mary-Wood Allen, *O que uma jovem deve saber* e *O que uma jovem mulher deve saber* (1897); e com Emma F. A. Drake, *O que uma jovem esposa deve saber* e *O que uma mulher de quarenta e cinco anos deve saber*. Também há informações de que Stall publicou, entre outros títulos, uma obra de literatura infantil, intitulada *With the children on sundays: through eye-gate and ear-gate into the city of child-soul* (Com as crianças aos domingos: através dos olhos e ouvidos o portão para a cidade da alma-criança - tradução livre), cuja primeira edição data de 1893.

Além do prestígio que os livros de Stall gozaram entre médicos, editores, autoridades políticas, juízes, educadores e líderes religiosos à época, posteriormente foram amplamente citados em diversas obras, especialmente nos campos da medicina, moral e religião. Dawson (Ibid.) refere que os livros de Stall teriam vendido mais de um milhão de cópias em língua inglesa - noticiava-se dois mil novos leitores diários - e que teriam sido traduzidos em seis idiomas na Ásia e Europa, por editoras que

havia buscado o privilégio de traduzi-lo. Há indicações esparsas de que tais livros tenham sido traduzidos em francês, sueco, holandês, japonês, urdu, português, entre outros.

Para Dawson (1996), em fins do século 19, nos EUA, as pessoas ridicularizavam a moral vitoriana, considerando-a exagerada. Mas qualquer pessoa que desejava ser respeitada como cidadão adotava seus preceitos. Neste momento, muitos médicos e moralistas tomaram suas penas e acabaram escrevendo livros para alertar o público em geral sobre os perigos do excesso de intimidade física, mesmo no casamento, pautados pela moral vitoriana. Stall inscreve-se dentre estes, pois seus livros dirigem-se a regular as relações ligadas às práticas sexuais, ao matrimônio e conduta cristã.

A defesa do casamento religioso, a regulação dos contatos sexuais, o controle dos excessos de toda ordem, segundo Dawson (1996), obtiveram apoio de uma comunidade científica respeitável, tanto nos EUA quanto na Inglaterra, embora neste momento outros médicos assumissem posições contrárias. Como sugere Peter Gay (2000), perto do final do século 19 muitos pesquisadores já haviam diagnosticado que o fanatismo religioso de rapazes adolescentes, leitores a quem Stall se dirigia preferencialmente, era uma enfermidade devida ao desejo erótico insatisfeito, ou reprimido, distintamente da perspectiva defendida por Stall. Ele adota, contudo, aqueles médicos que se alinhavam ao seu pensamento moral. Quem poderia discordar dos argumentos formulados pela medicina? Segundo Dawson (Ibid.), mesmo aquelas pessoas que não se envolviam com política e religião, acreditavam nos elementos de prova apresentados pelos médicos.

Efetivamente, a leitura de *O que um menino deve saber* demonstra o quanto Sylvanus Stall esteve sob a influência proeminente dos discursos médicos de seu tempo. Nesse sentido, a série *Self and sex* representa o pensamento de vários intelectuais e médicos responsáveis pelos conhecimentos daquele tempo e também demonstra a posição respeitável que os médicos ocupavam no que diz respeito às representações de

infância, de família e as práticas da sexualidade. Através da combinação de prescrições médicas, imbuídas de mal disfarçados estereótipos sociais, aliadas a preceitos morais e religiosos, a popularidade de seus livros levou a exercerem uma influência considerável sobre a cultura e a moralidade sexual que acumulamos desde então. A permanência de livros como os de Stall, no tempo, dá conta de demonstrar a enorme pressão reguladora dos discursos médicos e religiosos sobre os sujeitos.

O que pais e mães devem saber, ou o que não devem fazer

Na virada do século 19 para o 20, segundo Peter Gay (2000), médicos e autores contemporâneos a Sylvanus Stall, alguns mencionados por ele em seus livros, como Krafft-Ebing ou Havelock Ellis², afirmavam, com certa tranquilidade, que ânsias misteriosas e incompreensíveis explodiam na adolescência sob a forma da sexualidade e que o momento privilegiado em que a pressão pela gratificação sexual se tornava mais imperiosa e, portanto, mais perturbadora, era o período da adolescência (2000, p. 248-249). Esses autores não definiam precisamente o que circunscreviam como adolescência. Entretanto, sabemos hoje que havia diversidade e variações nos limites cronológicos supostos por diferentes autores.

Stall, por sua vez, posiciona-se. Dirige aos meninos, entre os 7 e os 14 ou mesmo em alguns casos até os 17 anos, bem como a seus pais e mães, os ensinamentos do livro *O que um menino deve saber*. Para os rapazes entre os 17 a 25 anos, destina o segundo volume da coleção mencionada, intitulado *O que um rapaz deve saber* (1897), diferenciando seu público leitor segundo limites de extratos geracionais que adota.

Relativamente ao primeiro livro - *O que um menino deve saber* - há um aspecto no mínimo inusitado: teriam sentido as palavras de seu texto para os meninos de 7 ou 8 anos a quem sugere que se poderia oferecer a

² Henry Havelock Ellis (1859-1939) foi um médico, psicólogo e sexólogo britânico, nascido na Austrália. Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) foi um psiquiatra alemão. Introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual. Foi professor de psiquiatria na Universidade de Estrasburgo.

leitura do pequeno guia? Stall defendia que sim! Vejamos, então, como argumenta tal propósito e como suas explicações indiciam uma representação de infância em disputa com outras concepções de sua época, mormente aquelas que ainda erigiam a figura da inocência e da pouca inteligência das crianças até a juventude. Para Stall,

Os pais podem inquirir com que idade devem eles ensinar a seus filhos os assuntos da vida e do ser e o cuidado dos seus próprios corpos. Em qualquer tempo em que sejam feitas perguntas sobre questões sagradas [sobre a origem da vida], elas devem ser sempre respondidas honestamente, porém com a máxima inteligência e sabedoria. Não importa a idade da criança. (Stall, 1919, p.11)

Desdobrando a afirmação acima, o autor sugeria que os primeiros sete anos da vida de uma criança eram tão importantes para os pais como para o prelado. Tratava-se de um momento decisivo na vida de um filho, uma vez que ele, pessoalmente, conhecia vários “rapazes que foram arruinados” porque seus pais deixaram de lhes dar o necessário conselho quando lhes dirigiam perguntas relacionadas ao sexo e à reprodução. Entretanto, afirmava que jamais conhecera um só rapaz que se arruinasse porque seus pais lhe dessem instrução muito cedo. Em outras palavras, mostrava-se contrário à idéia de que havia um perigo na precocidade de os pais falarem inteligentemente com seus filhos acerca desses assuntos. O autor não subestimava as capacidades de observação, curiosidade e excitação com tais assuntos manifestas pelas crianças, mesmo pequenas, tampouco a importância do conteúdo claro a lhes ser informado quando demandavam conversar sobre esses assuntos com seus pais. Para ele, o mal residia na atitude de pais e mães que, embaraçados com a inusitada pergunta, buscavam subterfúgios para iludirem seus filhos pequenos e desviar-lhes a atenção e, assim, evitada a abordagem de tais assuntos embaraçosos. Como conseqüência, uma vez maiores, os filhos vinham a se sentir traídos por seus pais, perdendo-lhes a confiança sincera e passando, também, a iludi-los.

Stall reconhece a diversidade das crianças, embora, para ele, todas as crianças devessem ser advertidas das tentações, que são universais e inevitáveis, e o erro e o pecado certamente as acompanhavam.

A época em que suscitam essas questões depende da criança e das condições pelas quais é ela cercada. [...] se a criança não é idiota, o “porque e o pelo que”, o “donde e onde” constituirão suas primeiras indagações mentais. Se julgardes que essas questões não suscitem no espírito da criança antes dela atingir 8 ou 10 anos de idade, laborais em erro muito sério. Questões do ser, da origem das coisas e a fonte da vida constituem as primeiras indagações no espírito de uma criança, e, onde as condições insinuam a pergunta e esta é feita pela criança, deveria haver sempre uma resposta honesta, não importando que idade possa ter o menino. (Stall, 1919, p.13-14)

O ambicioso trabalho pedagógico empreendido por Stall sugeria, contrariamente a alguns moralistas de sua época, que as crianças não deviam ser relegadas à ignorância, ficando sem conselhos sobre assuntos como sexo e procriação, obrigação que incumbia primeiro aos pais, mas também aos professores nas escolas públicas, aos mestres nas escolas dominicais e aos pregadores, e, igualmente, aos médicos. Entretanto, sobretudo aos pais cumpria desempenharem suas obrigações, pois os pais eram os melhores para preparar a criança para “as responsabilidades da vida, o reconhecimento de seus deveres para consigo mesmo, para com o seu Deus e o verdadeiro respeito para com os seus concidadãos” (Stall, 1919, p. 7). Em suma, o autor defendeu que os filhos “fazem as mais razoáveis perguntas sobre a origem da vida humana” (Ibid.) e mesmo quando pequeninos, justa e naturalmente chegam a seus pais com suas racionais perplexidades e perguntas. As crianças são racionais, argumenta Stall, e indaga por que os pais intentavam sempre iludir e, no momento da máxima esperança, destruíam a confiança do menino na honestidade e integridade de seus pais. Para ele, o contra-efeito da atitude condenável dos pais se traduzia em algo muito mais eloqüente do que a desilusão:

Por que excitam eles a grande curiosidade que procuram suavizar, e conduzem a criança a companheiros de maior idade, a criados ignorantes e a outros, com o espírito que eles próprios colocaram em uma receptiva disposição para o ensino das sagradas verdades, do modo o mais impuro? (Stall, 1919, p.9)

As crianças deviam ser ensinadas fundamentalmente pelos exemplos, com eles aprendiam muito. Sendo assim e considerando, segundo suas crenças cristãs, que o Criador havia colocado grande confiança no coração de cada criança sobre a integridade e honestidade de seus pais, se o exemplo desses fosse a mentira, as crianças aprenderiam a mentir.

No extenso tópico “Recomendação aos pais”, o autor é veemente: os pais devem saber o que a criança precisa aprender com referência a estas coisas. Para isso vem em seu socorro o livro oferecido, para que lhes seja subtraída a ignorância, afinal, em sua opinião, os pais é que geram a situação de as crianças preferirem conversar com seus companheiros ou com amigos mais velhos ao invés dos pais, o que lhes acarreta prejuízos inestimáveis, no presente da infância e em seu futuro de adultos. Peter Gay assinala que, à época, as lições domésticas eram raramente instruções claras:

Na verdade, transmitiam um mínimo de informações, ainda que desesperadamente anticientíficas, sobre os meios de evitar perigosas tentações sexuais. De modo geral, os pais educavam os filhos em subterfúgios, fomentando neles a ambição ou a dependência. (1988, p.313)

Stall, distinta e, em alguma medida, surpreendentemente, embora não menos moralista e repressor, concebia as crianças como indivíduos altamente impressionáveis e moldáveis, ao mesmo tempo possuidores de uma racionalidade pensante e até mesmo de uma certa autonomia, que escapava ao controle absoluto da família. Seu pensamento, possivelmente, era influenciado por muitos discursos em disputa, por muitas questões não respondidas e pelos materiais culturais de domínio público daquele tempo. De uma parte, Stall definia aos pais o modo como

pensava a infância, propondo-lhes examinar a experiência junto a seus filhos: a criança era uma placa imaculada na qual se imprimiam más experiências que vivia desde o nascimento e, conseqüentemente, os desígnios de seu futuro.

A criança vem ao mundo sem conhecimento algum dos objetos ou das pessoas por que está rodeada. Seu espírito é uma placa completamente branca, porém, como a chapa sensitiva da câmara fotográfica, ele é receptivo a mais leve impressão. Estas não são somente fotografias no espírito da infância, como acontece na velhice, porém, são tão profundas e estáveis como se estivessem gravadas ou estampadas no espírito com um sinete. (Stall, 1919, p. 14)

O impacto dessa concepção precisava ser compreendido pelos pais, pois era o pressuposto maior das recomendações e argumentos de Stall. Se, como placa branca e sensível a qualquer impressão, a infância era pensada como época em que o pensamento e o sentimento, inclusive, eram levados à alma, e segundo Stall de modo a não poderem ser queimados pela chama ou levados pela torrente, pois que persistiam eternamente como uma parte do ser da criança, a tarefa de instruí-la, educá-la e transmitir-lhe os valores e ideais puros e sagrados era imperativa para os pais (Stall, *Ibid.*). E que se não iludissem, pois a cada ausência de conselhos ou evitação de suas dúvidas, os pais consentiam que a criança aprendesse na rua, com seus pares e adultos perigosos:

Vosso filho, sem dúvida, já sabe muito mais acerca destas próprias coisas do que jamais imaginastes, porém, o maior perigo é que ele possa aprender, e muito provavelmente já tenha aprendido estas coisas sagradas de um modo impuro. (*Ibid.*, p.16)

Em decorrência, o autor justifica aos pais porque havia uma crença difundida de que “as crianças devem guardar segredo para com seus pais tanto como de seus pais.” Assim, Stall reconhecia que, quanto ao conhecimento acerca do sexo e da procriação, os filhos viam-se compelidos “a obter de qualquer fonte, mesmo da forma a mais degradante, as respostas as suas curiosidades”. Por isso, os pais deviam

saber o quanto estavam obrigados para com seus filhos, “não somente a livrá-los das mais banais influências, satisfazendo uma curiosidade natural e louvável, pelo ensino puro destas coisas sagradas, mas também observar que a natureza moral e religiosa da criança receba a devida atenção e disciplina, que farão da natureza moral um auxílio e arrimo na hora da tentação e do desgosto” (Ibid., p. 18).

De outra parte, se a criança se apresentava como indivíduo altamente impressionável, influenciável, moldado pelas relações estabelecidas em seu entorno familiar e social, Stall considerava, até certo ponto paradoxalmente, que a criança somente poderia livrar-se da imprudência insensata e das más conseqüências por sua própria inteligência. Tal inteligência levava a criança a refletir sobre os conselhos recebidos acerca das coisas (sexo e procriação). Ora, assim, em seu argumento, mais ainda a instrução e a regra de conduta deviam ser fortalecidas e mantidas pela elevação de um forte senso moral da criança, o que repercutiria na hora da tentação e no dia do perigo, que universalmente acometia todas as crianças e rapazes. Ninguém escapava a isso, alguns estariam fortalecidos e preparados. Isso os pais deviam saber quanto ao que a criança precisa aprender, e o pequeno livro fora escrito para auxiliar os pais nessa matéria.

Como utilizar *O que um menino deve saber?* Depois que os pais o tivessem lido, o autor julgava que seriam os melhores juízes para decidirem, de acordo com a idade da criança, se deviam depor o próprio livro nas mãos de seus filhos, caso estes já soubessem ler, ou se, como também sugeria, dia após dia, ou noite após noite, deviam proceder à leitura em conjunto com seus filhos, um capítulo a cada vez. O livro não oferecia perigo, pois pais e filhos estavam diante de um livro puro, limpo, universal e verdadeiro, escrito para eles. O perigo, sim, residia no adiamento de procederem ao aconselhamento de seus filhos.

O que um menino deve saber, ou o que um menino não deve fazer!

Desde as primeiras páginas do pequeno livro, Stall adverte o leitor adulto, seja ele um pai ou os críticos literários, que o livro foi escrito para crianças e que buscou uma linguagem fácil e simples, para que possa permanentemente impressionar-lhes o espírito.

Como estratégia da construção de seu texto, procura dirigir-se diretamente ao leitor. Para isso, se vale de uma pequena história de um menino, designado como Henrique. Conta que durante noites seguidas o menino era ouvinte atento de um outro livro de sua autoria - *Conversas com os filhos d'el-rei*. Um dia, ao retornar da escola, o menino Henrique teria se deparado com a presença de um nenê no quarto das crianças, que ele soube ser sua irmãzinha. Stall explica: “sendo um menino inteligente e cuidadoso, era natural que, com seus sentimentos mistos de prazer e perplexidade, ele se introduzisse sutilmente no quarto de sua mãe e, quando estivessem sós, perguntasse: “Donde veio o nenezinho?” (Stall, 1919, p. 25).

Formulando precisamente sua narrativa, o autor indica que a pergunta provinha de uma criança inteligente, e que era natural que a indagação se apresentasse, visto que a criança observara, percebera uma mudança, sentira-se instigada, curiosa e, portanto interpelara sua mãe a respeito. De imediato, Stall escreve:

Os pais pediram ao autor do livro de Henrique uma resposta para a sua pergunta; ei-la.

Meu caro amigo Henrique: Recebi a carta de vossa Mae, pedindo-me para ocupar o seu lugar vago no quarto das crianças durante algumas noites, e, em conversas curtas como o *Sermões de cinco minutos* (outro livro do autor), aos quais estivestes ouvindo, contar-vos como Deus criou tudo que vive sobre a terra. (Stall, 1919, p. 25).

Como estratégia do texto, adota uma alternativa: justifica a impossibilidade do encontro pessoal para a conversa, mas sabedor da importância da escuta para um menino, da força de suas palavras pronunciadas (da fórmula sermão e retórica?), anuncia ao menino que seu pai consentira em transportar o gramofone da sala de estudos para o quarto das crianças e que aí poderia escutar, todas as noites, as

mensagens que lhe enviaria em “cilindros”. Assim, o autor sugere que seu texto é uma conversa falada com o menino. E em todos os capítulos, inicia com uma frase que comparece em todos os demais capítulos - “Meu caro amigo Henrique” -, adotando, assim, a forma de conversa pessoal e informal.

Responde aos pais, entre outros aspectos, afirmando que a pergunta feita por Henrique é a mesma que muitas crianças têm feito a si mesmas e a outros - donde e como vieram eles ao mundo? Ao longo do texto, em geral, o autor usa exemplos das experiências das crianças para ilustrar suas prescrições ou interdições.

Nos primeiros capítulos, o autor se dedica a descrever sua visão cristã e a referência bíblica acerca da origem da vida. Trata, extensamente, das diferentes formas de vida, principiando pelos vegetais e sua reprodução, passando para os animais, notadamente as aves e não os mamíferos, fixando-se em extensas digressões sobre a metáfora do ovo e da vida³. Aos poucos, vai apresentando os aspectos relacionados às especificidades do masculino e do feminino, fazendo uso de palavras precisas, embora evitando sistematicamente aquelas expressões que denotem qualquer insinuação libidinosa. A figura de Deus e do caráter santo e sagrado da criação e dos desígnios do criador ao possibilitar a reprodução da vida, particularmente o modo como ela acontece, parecem sugerir que também o autor se viu às voltas com embaraços para explicar, por exemplo, as características genitais, a cópula propriamente dita, a excitação presumida no próprio ato santo da procriação humana. Quando as explicações científicas soam demasiado sugestivas, imediatamente usa de estratégias variados para conter a sensualidade que possam insinuar e, então, são abundantes as preleções religiosas e morais, verdadeiras obras primas de dissimulação.

³ A propósito da percepção projetiva da natureza, que associava emoções e poderes humanos às plantas e às aves, como procede Sylvanus Stall, o historiador americano Peter Gay, a propósito da educação sexual dos jovens em fins do século 19, registra que a educação sexual que seus pais ou tutores achavam adequada transmitir se apoiava amplamente em largas analogias entre a história sexual das aves e das flores e a deles próprios (2000, p. 237).

Mesmo assim, Stall não parece ingênuo quanto às diferentes excitações que a leitura possa sugerir pelos próprios temas abordados, especialmente quando a informação acerca do sexo consentido é associada à adulez e ao matrimônio. Diante disso, adverte:

Meu caro rapaz, como muitos outros, deveis muitas vezes ter desejado que possais em breve vos tornar um homem. Deus, certamente, sabe mais, e os anos que ainda devem passar entre este e o tempo em que, com a idade de 25 anos deveis ter atingido a vossa completa maturidade corporal, não são tão longos para que possais estar inteiramente preparadas as sérias responsabilidades do homem. Posto que, no vosso próprio lar, gozais oportunidades e vantagens excepcionais, ainda assim, como todos os rapazes, precisais ser tão paciente quanto laborioso, visto como estes preciosos anos não devem ser desperdiçados, porém, aproveitados propriamente. (Stall, 1919, p. 54-55)

A infância é, então, o tempo da contenção e da aquisição, lenta, mas não tão longa, da maturação corporal, que caracteriza o homem adulto e imprescindível à reprodução da vida. Para Stall, “o que é feito durante a infância determina qual será a condição na virilidade. O que o rapaz [menino] é e faz determina o que o homem será mais tarde” (Ibid., p. 65).

Ora, se a criança goza de oportunidades e vantagens excepcionais no lar, não deve, pois, desprezá-las, mas aproveitá-las em benefício futuro. Qual será este? O do casamento e da constituição de uma família, que supõe a geração legítima de filhos, sem os quais “não haveria encantadoras e meigas criancinhas com covinhas nas faces e rosto rechonchudo, nem a infância com seus divertimentos e prazeres” (Stall, 1919, p. 57). Quem são as crianças? São os cidadãos em sua condição de filhos e estes são uma reprodução dos pais: “papai e mamãe são feitos um só em vós, e de novo em vossa pequena irmãzinha” (Ibid., p. 59). Se assim é, os próprios pais e mães, se não possuírem boa saúde, não poderão transmitir ou dar boa saúde aos filhos. Se os pais são fracos, débeis ou de constituição doentia, os filhos serão como eles a este respeito. Para gerar filhos sãos, alegres e felizes, os meninos devem preservar a boa saúde quando ainda crianças e jovens. O argumento de

Stall se completa. Parece recorrente nos estudos que até aqui vimos? Em parte, sim. Contudo, e, no entanto, “o século 19 ainda está prenhe de questões não respondidas, bem como de questões nem mesmo levantadas” (Gay, 1988, p.17). Como compreender as ambivalências de um discurso conservador, como o que se apresenta na obra de Stall e, simultaneamente, o prenúncio de uma percepção mais alargada da instrução a ser oferecida pelos pais, ainda quando seus filhos são pequenos quanto ao sexo e a reprodução?

A combinação variável de uma discursividade que oscilava entre uma representação de infância moldável e aquela que reconhecia a ação pensante das crianças acerca do mundo que se lhes apresentava e, portanto, as derivas que daí poderiam decorrer, ou mesmo a autonomia em diferentes matérias, são reconhecidas por Stall. Talvez por isso, a explicitação de prescrições e interdições denotem seu ambicioso trabalho pedagógico de convencimento dos leitores, meninos, rapazes, seus pais. Assim, as experiências constituíam variações sobre a educação sexual dos meninos, que afinal, se apresentava como um tema cultural comum a muitos pensadores, médicos, moralistas.

Vejamos, em breves acenos, as interdições ou prescrições apresentadas por Stall aos meninos e o quanto a elas subjaz as concepções de infância que regulam as enunciações do autor.

Como vimos antes, a infância se apresenta como o tempo em que são semeados e se põem a germinar o que está por vir às futuras gerações. Stall assevera aos meninos e rapazes, sob diferentes formulações, que

o que sois agora, e o que tiverdes de ser em força física, saúde do corpo, no espírito e no caráter serão mais tarde, também, vossos filhos em grande medida. Se fordes gentil, bondoso e verdadeiro, será mais fácil para eles serem também gentis, bondosos e verdadeiros. Se fordes desobediente, falso e cruel, tornareis, pela vossa conduta, difícil a vossos filhos não fazerem a mesma cousa; porém, se fordes carinhosamente obediente a vossos pais, se os honrardes e os amardes, e amardes e servirdes a Deus, tornareis mais fácil a vossos filhos vos amarem e vos

obedecerem e serem moças e rapazes cristãos, corretos e verdadeiros. (Stall, 1919, p. 66)

Entretanto, para o autor, distintamente de determinados discursos médicos da época, hereditariedade não era fatalidade. O fato de cada menino ter herdado um corpo forte, ainda assim poderá arruiná-lo pelo abuso. Inversamente, e também, de modo semelhante, pelo cuidado e perseverança, aqueles que possuem um corpo fraco e espírito menos vigoroso, podem adquirir muito e mesmo ultrapassar aos que receberam mais por natureza ou herança, mas que não tomaram o necessário cuidado com o que receberam (Stall, 1919, p. 67).

É o que acontece, por exemplo, com os meninos que passam a não freqüentar o colégio, porque perverteram o seu poder pensante, utilizando-o para maus fins, projetando a maldade, debilitando seus corpos, e até mesmo matando sua razão moral. Esses meninos descuidaram em disciplinar e cultivar o seu espírito. A partir desse indício - não freqüência à escola -, e de outros que são descritos a partir da observação do cotidiano infantil, o texto de Stall, então, a estas alturas do livro, passa a empreender uma espécie de guerra de nervos contra a masturbação, difundindo sentimentos de alarme, reunindo argumentos para dissuadir o leitor.

Sinto dizer, Henrique, [...] que muitos rapazes bem intencionados e inocentes têm aprendido este hábito de muitos modos inocentes e, no começo, não receando mesmo que ele seja quer mau quer prejudicial. Muitos rapazes na infância descobrem a sensação escorregando nos balaustres das escadas ou, um pouco mais tarde, trepando e descendo árvores, montando a cavalo, e alguns por causa da falta de asseio do membro sexual experimentam uma comichão nessas partes, e, quando se procura um alívio pela fricção ou esfregadura, a criança se acostuma ao hábito da auto-polução. (Stall, 1919, p. 78-79)

Observemos como as artes de fazer da infância vão sendo registrados nas observações obsessivas do autor: as brincadeiras nas escadas, nas árvores, nas montarias, as práticas de higiene e, adiante, as relações com os pares e com os criados. Stall terá poupado os varões do

entorno familiar que conviviam com os meninos, e em relação aos quais eles observavam atentamente o exercício da sexualidade?⁴

Sinto, porém, dizer também que a masturbação é às vezes ensinada por um rapaz ao outro e, durante a infância da criança, mesmo as criadas, às vezes na ignorância do terrível mal e das degradantes conseqüências do seu ato, praticam este vício destruidor sobre muitas criancinhas, com o fim de distrair seus pensamentos, de modo que elas não chorem, ou para que fiquem quietas quando vão para a cama dormir muito cedo. É terrível pensar que gente inteligente possa fazer tais coisas, e, com a intenção de precaver tais práticas, é necessário que compreendamos o perigo ao qual estão expostas as crianças, de modo que possam estar satisfatoriamente sob nossa guarda contra as tentações externas, e, pelo auxílio da nossa inteligência, ser salvas das terríveis conseqüências que atingem a muitas delas, por causa das degradantes práticas que iniciam em sua ignorância. (Stall, 1919, p. 79-80)

Ainda a respeito dos meninos que praticavam o vício da masturbação, Stall dizia aos meninos da mágoa que isso representava a seus pais: um filho com as faces descoradas, os olhos vítreos, o corpo lânguido, sem energia, sem força ou iniciativa, atrasado no colégio, dissimulado, evitando a camaradagem de outros, perdendo o gosto pelos livros, desprezando a Escola Dominical e desejando fugir de todas as elevadas influências cristãs (p. 101). Que mais poderia convencê-los? Sobrou-lhe a prescrição de uma extensa lista de conselhos aos meninos, para que mantivessem a pureza de coração e espírito. Stall percorre os cinco sentidos, afirmando que eram a porta de entrada dos bons ou maus pensamentos para o espírito e o coração.

Prescrições: primeiramente, guardar o coração. Para isso, a necessidade de, com grande cuidado, evitar todos os livros que fossem imodestos e impuros. O autor frisava que muitos, muitíssimos livros, eram degradantes e detestáveis no caráter, e não poucos eram assim na

⁴ Vale lembrar que muitos médicos, ainda na primeira metade do século 20, prescreviam o afastamento da criança do quarto do casal, o controle das manifestações de afeto entre esposos diante das crianças, o uso progressivo do berço em separado e de um espaço exclusivo aos bebês e às crianças durante a noite, assim como o controle da biblioteca do pai, ou a distração da criança por ocasião dos eventos de nascimento dos irmãos.

intenção. Desse modo, os meninos jamais deveriam ler, manusear ou ouvir a leitura de um livro ou jornal, que não pudessem pedir à mãe ou ao pai para os lerem em voz alta diante de todos. Em outras palavras, mais uma vez apresentava os pais como os melhores conselheiros e preceptores.

Ainda quanto às leituras, alimento do espírito, mencionava o exemplo de meninos e rapazes que eram grandes leitores. No entanto, descuidavam de seus deveres importantes para poderem ler, liam o tempo todo e, ao invés de se tornarem inteligentes, seu espírito era indisciplinado e eles incultos e ignorantes. Stall advertia: a questão não era que eles não lessem, mas o que liam não era coisa de valor e o espírito se arruinava e se enfraquecia de dia para dia e de ano para ano (p. 129-130). O que sugeria, então: ler histórias e biografias, livros sobre ciências e artes, viagens e explorações, sobre a moral e a religião, mas nunca anedotas e porcarias (p. 130). Em suma, à propósito das leituras, sublinhava ao menino leitor: “assim como possuis uma natureza inteligente, que deve ser alimentada, tendes também uma natureza moral e intelectual, que deve ser alimentada” (Stall, 1919, p. 130).

Haveria, ainda, de preservar a escuta, afastando-se com repugnância daqueles que poderiam prostituir o espírito com anedotas vis ou conversas imodestas.

Segue os conselhos a Henrique indicando a necessidade do asseio pessoal interno e externo: os banhos diários, a regularidade das excreções, o controle da ingestão de alimentos e bebidas, a condenação ao fumo e ao álcool. Também são aconselhadas as atividades laborais e os exercícios físicos, através da condenação da indolência. Quanto às recreações infantis e juvenis, afirmava: “Recreai-vos tanto quanto for necessário sempre, no entanto, estando certo de escolher as melhores espécies de cada um deles” (Stall, 1919, p.125).

A seguir, indicava que a preservação da saúde e a garantia da força e do vigor na infância e na juventude, demandava dormir bastante. Para os meninos e meninas ainda em crescimento, dez a doze horas dentro de

vinte e quatro, não eram mais do que o necessário. Alertava: não vos deiteis tarde; não vos habitueis a ficar na cama até o dia alto; não durmais em colchão de penas, mas em colchão duro; o quarto deve ser asseado e ventilado; dormi separado em uma cama para vós sozinho; ide para a cama dormir e nada mais; não vos atormenteis (Stall, 1919, p. 125-126). Ainda, referindo-se às vestimentas dos meninos, afirmava: “Sede cuidadoso que as calças não comprimam muito os órgãos sexuais por causa dos suspensórios curtos” (p. 149).

Por fim, completando a extensa lista das interdições, em uma espécie de dietética da pureza, a ser perseguida na infância e na adolescência, Stall advertia a necessidade de fugir daqueles companheiros pecadores, mas igualmente evitar as tentações ocasionadas em momentos de grande isolamento. E, afinal, reconhece que em poucos anos mais, atingindo a idade de quatorze ou quinze anos, o pequeno leitor entraria num período de tempo em que aquelas partes do sistema reprodutor, que estavam ocultas no interior e nas partes inferiores do corpo, começariam a se desenvolver, e os meninos, então rapazes, experimentaríamos emoções indicativas das mudanças que, de qualquer forma, seriam novas e estranhas. Procurassem, então, os conselhos de seus pais, pois seriam anos cheios de perplexidades, experiências e muito perigo.

Nesses anos, muitos rapazes cometiam erros e faltas; uns física, outros intelectual, outros moralmente e outros em todos estes três pontos. Em sua opinião, estes erros, na sua maioria, geravam da ignorância do indivíduo. Nessa medida, afirmava ao leitor estar persuadido de que muito poucos rapazes erravam deliberada e voluntariamente, mas que pecavam na ignorância, e continuavam até que os vícios se tornassem hábitos fixos e a ruína fosse inevitável.

A que veio o livro que se encerrava? A que os meninos fossem advertidos, ainda na infância, de que havia muitas maneiras de passar por este período perfeitamente livre e entrar em vossos anos de maturidade como um homem nobre, puro e reto. Sylvanus Stall assevera, finalmente,

que em nenhuma outra ocasião da vida era possível tão facilmente e com sucesso adquirir o melhor de cada um dos dotes desejáveis a cada cidadão, como na infância.

Inspirando-se em Chartier e Darnton, o estudo aqui empreendido considera que o vivido não está nunca anulado pelas normas que visam controlá-lo, pois não se pode confundir os textos que prescrevem um ideal de infância, que prescrevem comportamentos e interdita as práticas, redundem nos gestos e pensamentos que, de fato, ensinaram junto às crianças leitoras.

Referências

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

DAWSON, Patsy Rae. The victims of victorian morals. In: DAWSON, Patsy Rae. DAWSON, Samuel. *Marriage: a taste of heaven*. v. 2, 1996. Cap. 3. Disponível em: <<http://gospelthemes.com/math2vm.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud: a paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

STALL, Sylvanus. *O que um menino deve saber!* Tradução de R. R. Nogueira. Juiz de Fora, s.e., 1919.

GAY, Peter. *O que um rapaz deve saber! Pureza e verdade*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1928.

STEPHANOU, Maria. Conservar-se puro e acautelar-se contra os maus livros: lições sobre livros e leituras, a saber, pelos rapazes, nas primeiras décadas do século 20. *Actas do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Universidade do Porto, Porto, 2008.

STEPHANOU, Maria. Bem viver em regras. Urbanidade e civilidade em manuais de saúde. *Revista Educação Unisinos*. São Leopoldo: Unisinos, v. 4, n. 7, jul./dez., 2000, p.35-44.

MARIA STEPHANOU é historiadora, doutora em Educação, professora associada II da Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs - e presidente da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe.
Endereço: Avenida Paulo Gama, 110 - Faced/Ufrgs, 90110-970 - Porto Alegre - RS.
E-mail mastephanou@gmail.com.

Recebido em 12 de agosto de 2010.

Aprovado em 14 de novembro de 2010.